

O CONDICIONAL NA TRADUÇÃO MEDIEVAL PORTUGUESA DOS DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO

Mafalda Maria Frade¹

RESUMO: Pretendemos, com esta investigação, analisar diversos aspetos do paradigma verbal do Condicional na tradução medieval dos *Diálogos de São Gregório*, comparando-as ocorrências aí recolhidas com as formas e construções que estão na sua origem e que se encontram na obra latina *Dialogi* de São Gregório. Esta análise decorre do facto de se reconhecer que, embora haja uma continuidade entre os paradigmas verbais latinos e o sistema verbal português, o Condicional (ou Futuro do Passado) não existia em Latim. Assim sendo, trata-se de uma inovação românica que possui valores semânticos que, em Latim, eram marcados de outra forma. Neste contexto, pretendemos identificar valores associados a este paradigma na Língua Portuguesa em fins da Idade Média, observando diversas ocorrências em que o responsável por esta tradução medieval utiliza o Condicional para traduzir formas verbais latinas, considerando preferível a utilização deste paradigma verbal para veicular a significação de expressões latinas.

Palavras-chave: Condicional; Modalidade; Gramaticalização.

PORTUGUESE CONDITIONAL IN THE MEDIEVAL PORTUGUESE TRANSLATION OF THE *DIALOGI* OF SAINT GREGORY

ABSTRACT: With this investigation, we intend to analyze several aspects of the verbal paradigm of the conditional in the medieval translation of the *Dialogues* of Saint Gregory, comparing the examples collected there with the forms and constructions that are at its origin and that are found in the Latin work *Dialogi* of Saint Gregory. This analysis stems from the fact that it is recognized that, although there is a continuity between the Latin verbal paradigms and the Portuguese verbal system, the conditional (or future of the past) did not exist in Latin. Therefore, it is an innovation of Romance and has semantic values that, in Latin, were marked in another way. In this context, we intend to identify values associated with this paradigm in the Portuguese language at the end of the Middle Ages, observing several occurrences in which the author of this medieval translation uses the conditional to translate Latin verb forms, considering preferable to use this verbal paradigm to convey the meaning of Latin expressions.

Keywords: Portuguese Conditional; Modality; Grammaticalization.

¹Investigadora no Centro de Linguística (CLUNL) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Trabalho financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória - DL 57/2016/CP1453/CT0036.
E-mail: mmfrade@fesh.unl.pt Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4703-3147>

Introdução

Nos estudos diacrónicos, é, por norma, aceite que há uma continuidade entre os paradigmas verbais latinos e o sistema verbal português e que, dentro destes, o Condicional (também denominado futuro do passado) é uma inovação românica. De facto, não há vestígios deste paradigma verbal² em Latim, já que esta língua marcava de outras formas os valores de posterioridade em relação a um tempo passado (e anterioridade em relação ao presente) ou a expressão da modalidade, que o Condicional, em Português Europeu, pode veicular hoje em dia. Contudo, na época medieval, o Condicional começa a ser usado para traduzir formas verbais latinas, tal como se verifica nos *Dialogi* de São Gregório, cujo tradutor utiliza inúmeras vezes este paradigma verbal para expressar a significação de expressões latinas.

O facto de termos acesso à obra latina que está na origem desta tradução levou-nos a comparar as ocorrências de Condicional com as formas e construções latinas que estão na sua origem, no sentido de tentar verificar quais os valores associados a este paradigma na Língua Portuguesa em fins da Idade Média. Assim sendo, foram registadas, em primeiro lugar, todas as ocorrências de Condicional existentes nos *Diálogos*, procurando descobrir os significados veiculados por cada uma, e foram identificadas as diversas estruturas latinas que estavam na sua base. Depois, foram comparadas as construções das duas línguas, de forma a identificar qual a relação que se estabelece entre os valores veiculados pelas estruturas latinas e as diversas ocorrências de Condicional.

1. Emergência do condicional

Sabemos que o sistema verbal latino era marcado por diversos tipos de contrastes: de modo (indicativo, conjuntivo, infinitivo, imperativo), de voz (ativa e passiva), de tempo (presente, passado e futuro) e de aspeto (*infectum/perfectum*). Esta diferenciação manteve-se, em grande parte, na evolução da língua para as línguas românicas, ainda que tenha sofrido modificações. Entre elas, encontra-se o aparecimento de novas formas perifrásticas (ALKIRE; ROSEN, 2010, p. 163-168; COMPANY COMPANY, 2006) que introduziram modificações na expressão formal do futuro e conduziram ao aparecimento do Condicional.

² Não pretendemos, nesta investigação, discutir a oscilação Tempo/Modo que se associa ao condicional, em Português e outras línguas românicas (BROCARD, 2016; AFONSO, 2018, p. 12-17; FREITAG; ARAÚJO, 2011, p. 203-206), pelo que utilizamos a expressão mais neutra “paradigma verbal” (BROCARD, 2016, p. 27, n.2).

Em ambos os casos, os estudos diacrónicos apontam para que estejamos perante formas que, em Português, emergiram do processo de gramaticalização de estruturas latinas compostas por infinitivo + *habere*, ora no presente, ora no imperfeito.

O futuro era, em Latim, uma estrutura verbal complexa. De facto, não só possuía uma grande falta de homogeneidade (as formas que o veiculavam não eram similares em todas as conjugações), como também passou a ser expresso por perífrases verbais que, no Latim clássico, veiculavam não apenas um sentido de posterioridade, como também valores modais (necessidade, obrigação, desejo, vontade, intenção, etc.) num tempo futuro (COMPANY COMPANY, 2006, 354-355; ERNOUT; THOMAS, 1951, p. 252-285). Estas perífrases podiam envolver o gerúndio (+ *esse*) ou o particípio futuro³, o supino ou verbos auxiliares, como os modais *debere* e *posse* ou o verbo *habere*, a que se juntava o infinitivo.

Neste âmbito, a perífrase composta por infinitivo + *habere* no presente revela-se de especial importância. De facto, se inicialmente, esta perífrase foi utilizada para veicular modalmente a obrigação futura, terá acabado por ser usada para exprimir o valor temporal de futuro (ERNOUT; THOMAS, 1951, p. 252, 258; COMPANY COMPANY, 2006, 355-356), tornando-se tão produtiva que se deu a obsolescência das formas canónicas do futuro simples latino (*cantabo, cantabis, ...*) e emergiram novas formas gramaticalizadas que se repercutiram em Português:

*cantare*_INF + *habere*_PRES > *cantare habeo*
> cantar hei > cantarei

No caso do Condicional, ou futuro do passado, a hipótese mais consensual aponta para que a sua formação tenha tido como modelo a construção perifrástica do futuro, dando origem à marcação do futuro ou da posterioridade no eixo do passado através do Condicional (KLAUSENBURGER, 2000, p. 69). De facto, é possível que tenha surgido, a partir da construção perifrástica do futuro, uma nova construção, com infinitivo verbal e formas agora do imperfeito de *habere*, para marcar uma ação futura no passado (*cantare habebam*: “cantaria” < *cantare*_INF + *habere*_IMPERF)⁴.

³ O particípio futuro + presente de esse veiculava normalmente valores modais de finalidade, intenção ou realização imediata (estar a ponto de), mas também podia expressar um valor temporal. Já quando usado com o imperfeito do verbo *esse*, a perífrase expressava sobretudo a posterioridade no passado (BROCARD, 2016, p. 29).

⁴ Klausenburger (2000, p. 69-70) descreve outras hipóteses, tal como Oliveira (2003-2004), mas a hipótese referida é a mais consensual, havendo mesmo vestígios da construção perifrástica com a forma de imperfeito em galego antigo, como refere Huber (1933, p. 234): *guardar avia, sayr ava, portar avia*.

2. Valores do Condicional

Em Português Europeu Contemporâneo, o Condicional, para além de poder ser encontrado em construções condicionais (OLIVEIRA, 2013, p. 257; NEVES, 1999, p. 538), assume funções várias, tanto de ordem temporal – quando o ponto de perspectiva temporal é passado, assume-se como futuro do passado, –, como de ordem não temporal – se a perspectiva for de futuro, veicula um valor modal⁵. Neste último caso, assume funções que tradicionalmente pertenciam ao conjuntivo e pode expressar valores epistémicos de “não certo” (probabilidade, suposição, incerteza, dúvida, possibilidade), para além de valores associados, por exemplo, à atenuação ou polidez (como a manifestação de intenção, vontade, desejo)⁶.

As fontes medievais a que temos acesso permitem constatar que, à época, esta variação temporal e modal já ocorria nas inúmeras ocorrências de Condicional que estão atestadas (BROCARD, 2016, p. 33 e ss). De facto, há casos em que este paradigma verbal veicula um valor temporal, é relacionado com verbos modais epistémicos (como “dever”, “ter que”, “parecer + pronome +que”) ou ocorre em contextos em que surge o valor epistémico de “não certo” (por exemplo, na expressão da probabilidade); ocorre com o verbo “poder”, enfatizando o seu valor modal; ou surge em construções condicionais, expressando a condição.

3. O Condicional nos Diálogos de São Gregório

Nos *Diálogos*, há cerca de 158 ocorrências de Condicional na forma simples, não havendo atestações da forma composta. Nem todas estas ocorrências traduzem diretamente formas verbais latinas, mas várias possuem uma ligação clara com o texto latino. A grande maioria traduz variados tempos do modo conjuntivo – presente, imperfeito e pretérito mais que perfeito –, mas há ocorrências em que se traduzem diversas formas no modo indicativo – presente, imperfeito, futuro, pretérito perfeito e pretérito mais que perfeito. Por fim, surgem ainda formas que traduzem o gerundivo, o participio passado, o participio futuro e o infinitivo presente.

⁵ Veja-se Oliveira (2003a, p. 158 e 2003b, p. 257). Segundo Cintra/Cunha (2013, p. 580), “A final decorrerá na próxima semana e uma vitória dar-lhe-ia o reconhecimento que ele merece”.

⁶ Sobre a modalidade epistémica, seguimos os trabalhos de CINTRA/CUNHA, 2013, p. 580; OLIVEIRA E DUARTE, 2012, p. 54; OLIVEIRA, 2003a, p. 158 e 2003b, p. 257; ALMEIDA, 1979, p. 231; FREITAG/ARAÚJO, 2011, p. 206; MARQUES, 2013, p. 685-687.

Esta distribuição permite-nos estabelecer uma associação entre o uso do Condicional e as formas com ele relacionadas.

3.1 O tempo

Nos *Diálogos de São Gregório*, há um conjunto de ocorrências em que se encontram construções de futuro em Latim que são traduzidas pelo Condicional. Tal não é de estranhar, se tivermos em consideração que a opção pelo Condicional se deverá à perspectiva de tempo futuro que este paradigma verbal partilha com as formas latinas traduzidas, assumindo, assim, um valor temporal. Vejamos alguns exemplos:

1)	E o sacerdote andava podando sa vinha o disse aos mandadeiros que se veessen e que logo se el verria depós eles (Dial. I.31.2)	<i>Qui videlicet sacerdos inopinate contigit ut ad putandam vineam esset occupatus, atque ad se venientibus diceret: Antecedite, ecce ego vos subsequor.</i> (Dial. I.12)
2)	... e daquel que fosse preposto e disse-lhis: - Ide-vos ora. E pose-lhis huum dia assinaado en que seeria con eles e que lhes mostraria en que logar fezessem a eigreja (Dial. II.78.6)	<i>quibus euntibus spopondit, dicens: Ite, et die illo ego venio, et ostendo vobis, in quo loco oratorium</i> (Dial. II.22)
3)	e eles disseron que lho darian sô condiçon (Dial. III.163.31)	<i>Cui protinus responderunt: Tibi quidem eum ad custodiendum damus, sed ea conditione interposita</i> (Dial. III.37)
4)	Nosso Senhor prometeu a Abrão que naquel que dele saisse beezeria e acrecentaria come as estrelas do ceo e come as areas do mar todalas gentes. (I.28-29)	<i>Cui rursus promisit, dicens: Benedicam tibi, et multiplcabo semen tuum sicut stellas coeli, et sicut arenam quae est in littore maris.</i> (Dial. I.8)
5)	E falando o homen santo e bispo con San Beento que pela entrada de rei Totila en Roma seeria Roma destroida , assi que nunca depois hi moraria homen (Dial. II.12)	<i>is itaque dum cum illo de ingressu regis Totilae et Romanae vrbis perditione colloquium haberet, dixit: Per hunc Regem ciuitas ista destruetur, vt iam amplius non inhabitetur.</i> (Dial. II.15)
6)	e tan grande foi a coita que ouve que dava grandes vozes, e dezia que se lhi non enviasssem Basilio monge que a saasse que logo morreria . (Dial. I.68.13)	<i>et vehementer anxari, magnisque jam non vocibus, sed stridoribus clamare: Modo moritura sum, nisi Basilius monachus veniat</i> (Dial. I.4)
7)	aquel podia dar aos amigos que fezessem sinaes e maravilhas; que prometeu aos seus enmiigos que lhis daria o sinal de Jonas (Dial. II.63.35-36)	<i>Illa autem signa virtutis dedit subditis, qui se daturum signum Ionae promisit inimicis</i> (Dial. II.2)
8)	E o bispo da cidade non lha quis dar. E porende aquel bispo da seita d' Arrio jurou que en outro dia entraria per força na eigreja de San Paulo apostolo que estava hi preto. (Dial. II.147/30.6-7)	<i>Quod dum valde episcopus negaret, idem qui venerat Arianus, beati Pauli apostoli Ecclesiam illic cominus sitam se die altero violenter intraturum esse professus est.</i> (Dial. III.29)

Nos primeiros casos, mais concretamente 1), 2) e 3), são traduzidas pelo Condicional variadas formas verbais no presente do indicativo. Neste âmbito, vale a pena recordar que este tempo, em Latim (ERNOUT; THOMAS, 1951, p. 220; PINKSTER, 1995, p. 290-292), para além de marcar o tempo presente, podia veicular um valor atemporal (em máximas, provérbios, verdades da experiência), designar o futuro imediato ou substituir o passado numa narração para promover a sua “atualização” (presente histórico).

Nestes casos, estamos perante formas verbais que se relacionam com uma ação futura, assumindo um valor de posterioridade. E, no texto português, encontram correspondência no Condicional pela forma como o tradutor construiu o texto. De facto, nos três casos é notória uma diferença que marca decisivamente as verbais escolhidas: no texto latino, as formas em estudo são veiculadas em discurso direto, ao passo que no texto português encontramos discurso indireto. E o movimento é idêntico: nos dois primeiros casos, estamos perante interlocutores que dão uma ordem e indicam o que sucederá após o cumprimento da mesma, dando azo, assim, a uma situação enunciativa marcada pela posterioridade (que é marcada pelo presente em Latim). No caso da tradução, a sequência é idêntica, mas o facto de a situação ser narrada em discurso indireto altera o tempo da enunciação, ainda que a posterioridade continue a ser marcada – mas no passado, pelo Futuro do Passado ou Condicional:

	T0	
<i>diceret</i>	<i>antecedite</i>	<i>subsequor</i>
<i>dicens</i>	<i>ite</i>	<i>uenio/ ostendo</i>
<i>responderunt</i>	<i>damus</i>	
		T0
disse	veessen	verria
disse: ide e pose-lhis		seeria/mostraria
disseron	darian	

O mesmo movimento, provocado pela passagem de discurso direto para indireto, sucede em 4) e 5). No caso de 4), estamos perante formas de futuro latinas que, em Português, encontram correspondência no Condicional quando se dá a passagem de discurso

direto para indireto e as formas em Português adquirem um valor pretérito, que exige a marcação da posterioridade no passado.

<i>promisit</i>	T0	<i>dicens</i> <i>benedicam/multiplicabo</i>
prometeu	beezeria/acrecentaria	

Em 5), no texto latino deparamo-nos com uma ocorrência de discurso direto em que o sujeito da enunciação (representado por *dixit*) anuncia algo que irá acontecer, como se de uma predição se tratasse. No discurso direto, de facto, associa-se a uma forma de futuro (*destruetur*) uma oração final cujo verbo se encontra no presente do conjuntivo (*inhabitetur*), veiculando, também ela, um valor de futuridade (posterior ao tempo veiculado por *destruetur*). Assim, o sujeito da enunciação anuncia (prediz) que o rei destruirá a cidade para que ela (de seguida) não mais seja habitada.

O texto português apresenta, para as duas formas com valor de futuridade referidas, uma solução no Condicional (*destruetur* – seeria destruida; *inhabitetur* – moraria), o que denota, assim, o valor de posterioridade que se associava já a esta construção. E o tradutor consegue manter a diferença temporal entre ambas ao utilizar os advérbios “nunca depois”:

T0	<i>dixit</i>	<i>destruetur</i> <i>ut ... inhabitetur</i>
	falando seeria destruida	nunca depois ... moraria

Em termos do valor de posterioridade do Condicional, destaca-se também a presença da construção perifrástica ativa (6), do particípio futuro isolado (7) e do infinitivo futuro (8). Em todos os casos, as formas latinas veiculam uma ação a realizar após a situação enunciada respetivamente por *clamare*, *promisit* e *professus est*, formas verbais que remetem para uma situação necessariamente anterior à primeira.

Por fim, de destacar ainda as ocorrências 9) e 10), em que ao valor volitivo de *libet* ou *cupio*, marcado, em Português, pelo uso do Condicional, se associa um valor de futuridade associado, provocado, no caso de 9), pela presença de advérbios (*adhuc*/ainda) – que remetem para o futuro próximo onde será narrado algo – e, no caso de 10), do pretérito perfeito (*dixisti*/dissesti) – que remete para algo que foi dito no passado que provoca o desejo de aprender algo (no futuro).

9)	Enton disse San Gregorio: Muito mi prazeria , Pedro, de contar ainda muitas cousas deste honrado padre Sam Beento (Dial. II.94.2-3)	<i>GREGORIUS: Libet, Petre, adhuc de hoc venerabili Patre multa narrare</i> (Dial. II.6)
10)	E o seu clerigo don Pedro, disse: Porque dissesti, padre, que aqeste santo homen de que ora falasti se doia muito dos pecados e sentia-se tanto deles come se lhi metessen agulhadas pelo coraçõ con que o pungessen e aaquestes taes dizen en latin homens de gram compunçon desejaria a aprender de ti se ti prouguesse quam grande he a vertude das lagrimas. (Dial. 156.42-42)	<i>PETRUS: Quia eumdem virum magnae compunctionis fuisse dixisti, ipsam lacrymarum vim largius addiscere cupio. Unde quaeso ut quot sunt genera compunctionis mihi edisseras.</i> (Dial. III.33)

3.2 Valores epistémicos

3.2.1 O conjuntivo

Sem surpresa, um grande número de ocorrências de Condicional relaciona-se com a tradução de formas verbais do conjuntivo, que expressa, em Latim valores epistémicos de “não certo”, ligados à expressão de probabilidade, possibilidade, dúvida, suposição, incerteza (ERNOUT; THOMAS, 1951, p. 215-216, 230; PINKSTER, 1995, p. 302-303). De facto, em Latim, e por ter origem em valores de conjuntivo e optativo (que o grego continuou a distinguir), o modo conjuntivo era, por excelência, o modo da expressão da eventualidade, da possibilidade, da dúvida, valores modais que o Condicional português traduz no texto em estudo.

E no texto em estudo, é bastante frequente encontrarmos formas de Condicional que traduzem o imperfeito do conjuntivo. A opção pelo imperfeito, neste caso, não é estranha: este tempo veicula um valor modal de potencialidade, de eventualidade e é também uma das formas de expressar a futuridade no conjuntivo (ERNOUT; THOMAS, 1951, p. 224, 238, 396; PINKSTER, 1995, p. 303). Vejamos alguns exemplos:

11)	E pois o preposto do moesteiro, amigo e servo de Deus Nonnosus, soube o que mandara o abade, rogou os monges con grande homildade que non fossen alá, ca se temeiu que o gaanho do azeite se tornaria en danos das sas almas.	<i>Quod vir Domini Nonnosus fieri cum magna humilitate prohibuit, ne exeuntes fratres ex monasterio dum lucra olei quaerent, animarum damna paterentur.</i> (Dial. I.7)
-----	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	(Dial.I.26.5)	
12)	E tan vilmente andava vestido e tan desprizil era en si meesimo que se o alguen non conhcesse terria-se por despreçado en o salvar, ainda que o el primeiramente salvasse. (Dial. 7/15.20)	<i>Erat vero valde vilis in vestibus, atque ita despectus, ut si quis illum fortasse nesciret, salutatus etiam resalutare despiceret</i> (Dial. I.4)
13)	Os que fiees non son an fe assi como ti ja mostrei, Pedro, mais mandasse Deus que ouvessen razon, ca se razon ouvessen non serian encreos e non fiees. (Dial. IV. 172/3.3)	<i>GREGORIUS: Habent etiam infideles fidem, sed utinam in Deum. Quam si utique haberent, infideles non essent.</i> (Dial. IV.2)
14)	E el perdoou-lhis logo, porque entendeu que eles non farian des ali adeante nem huma maldade ali hu el non fezesse presente, pois el tod'aquelo que eles fazian sabia, assi come se estevesse deante. (Dial.II.12/67.14)	<i>Ipsa autem protinus culpa pepercit, perpendens, quod in eius absentia ultra non facere, quem praesentem sibi esse in spiritu scirent.</i> (Dial. II.3)
15)	pero tanta era a lediça que avia que, quen quer que o visse cada dia tan ledo como eleera, non cuidaria que tanto ben en el avia se o primeiramente non conhcesse. (Dial. III.119.54)	<i>quod nonnunquam tanta ei laetitia inerat, ut illis tot virtutibus nisi sciretur esse plenus, nullo modo crederetur.</i> (Dial. III.14)
16)	Aqueste Eleuterio foi homen mui simples e de gram devoçon e de muitas lagrimas e quen o a el visse chorar en sa oraçon non duvidaria que aquelas lagrimas que saiam de mente tan homildosa e tan simples non podesse gaanhar ante a face de Deus muitas cousas daquelo que lhi rogava. (Dial. III.154.5)	<i>Vir autem tantae simplicitatis erat et compunctionis, ut dubium non esset quod illae lacrymae ex tam humili simplici que mente editae apud omnipotentem Deum multa obtinere potuissent.</i> (Dial. III.33)
17)	E San Gregorio disse enton: - Por que non saberia as puridades de Deus, Pedro, quen guardava compridamente os seus mandados? (Dial.II.16/71.11-12)	<i>GREGORIUS: Quare diuinitatis secreta non nosset, qui diuinitatis praecepta seruaret</i> (Dial II.3)
18)	E San Beento o enviou logo pera seus companheiros que trabalhasse con os outros e alçassen a parede que caera. E o enmiigo que ja tomara gabo ante San Beento da morte deste monge, poderia entender que contra a vertude de Deus, que mostrava per San Beento, fraco e pequeno era o seu poder. (Dial. II.11/66.13-14)	<i>ad eundem iterum laborem misit, ut ipse quoque parietem cum Fratibus perficeret, de cuius se interitu antiquus hostis Benedicto insultare credidisset.</i> (Dial. II.3)
19)	E se maaos non conhocen os maaos nunca o rico que nas penas do inferno jazia se nembrara dos seus irmããos que non eran presentes e como non poderia ele conhocer aqueles maaos que ali non eran presentes mais vevian ainda en este mundo. (Dial. IV.212.17)	<i>Et si mali malos non recognoscerent, nequaquam dives in tormentis positus fratrum suorum etiam absentium meminisset. Quomodo enim praesentes non posset agnoscere, qui etiam pro absentium memoria curavit exorare?</i> (Dial. IV.33)
20)	cuidava en seu coraçõn, e era verdade, que cincoenta jugos de bois non poderian mover aquel penedo daquel logar en que siia, tanto era de grande. (Dial. I.13/24.11)	<i>occurrit animo, quod eamdem molem quinquaginta boum paria movere non possent</i> (Dial. I.7)

21)	E quando este Rigo entrou pelo mosteiro con tan muita e tan gram companha, vestido de vestiduras reaes, o servo de Deus que siia longe del pois lo viu viinr e chegar-se a el, quando entendeu que o poderia ouvir, começou-lhi a braadar e dizer (Dial. II.14/69.8)	<i>Cumque idem Riggo decoratis vestibus, obsequentum frequentia comitatus, monasterium fuisset ingressus, vir Dei eminus sedebat: quem venientem conspiciens, cum iam ab eo audiri potuisset, clamavit, dicens</i> (Dial. II.3)
22)	E porende Natan , o profeta, preguntado de rei David se faria o templo a Nosso Senhor, primeiramente lho outorgou que o fizesse (Dial.II.77.15)	<i>Hinc enim est, quod Nathan a Rege requisitus, si construere templum posset, prius consensit, et postmodum prohibuit.</i> (Dial. II.4)
23)	E eles pois tomaron a beençon foron-se logo e guisaron pera aquel dia en que o santo padre prometera de viinr todas aquelas cousas que entenderon que fazian mester a el e a todolos aqueles que con el verriam . (Dial. II.22/78.7)	<i>Qui benedictione percepta, illico perrexerunt, et constitutum diem magnopere praestolantes, parauerunt omnia, quae his, qui cum tanto Patre venirepotuissent, videbantur esse necessaria.</i> (Dial. II.4)
24)	o honrado padre lhi rospondeu que non avia XII soldos con que lhi socorresse, mais que depós dous dias veensse a el e lhi socorreria (Dial. II.83/26.6)	<i>Cui venerabilis Pater nequaquam se habere duodecim solidos, respondit, sed tamen eius inopiam blanda locutione consolatus, ait: Vade, et post biduum reuertere: quia deest hodie quod tibi debeam dare.</i> (Dial. II.5)

Em alguns casos, estas ocorrências encontram-se (e algumas são traduzidas dessa forma) integradas numa construção condicional – veja-se 12) e 13), por contraposição a 11)–, que exprimia em Latim, quando utilizado o conjuntivo, uma condição potencial ou irreal (ERNOUT; THOMAS, 1951, p. 374-378).

3.2.2 Construções com valor epistémico e conjuntivo

Encontramos variados casos em que o conjuntivo surge em correlação com formas e construções com valor epistémico, o que facilita a interpretação epistémica do Condicional. Assim, é possível encontrar a expressão da dúvida e da suposição em ocorrências como as de 14) a 17), 19), 21) e 22) e valores de possibilidade/probabilidade nas ocorrências 18), 20), 23) e 24).

A este nível, observam-se ainda duas situações distintas:

- as formas e construções com valor epistémico influenciam a tradução, mas não são traduzidas diretamente por Condicional, caso de 14);
- as formas e construções com valor epistémico são traduzidas diretamente por uma forma no Condicional, caso de 15), 16), 17), 18).

Neste último caso, é de notar que há variadas ocorrências que traduzem diretamente formas do verbo modal *posse* (que é a forma mais produtiva) para o Condiciondo verbo “poder”, como sucede em 19), 20) ou 21). Noutros casos, o modal latino *posse*, a que se junta ainda *debere* (na sua aceção epistémica), não encontra correspondência direta na tradução, mantendo-se, porém o seu valor epistémico precisamente pela tradução para Condicional. É o que sucede em 22), 23) ou 24). Note-se, a propósito deste último caso, que em 24), o conjuntivo (no presente) exprime um valor potencial, por se encontrar dependente de *quod* (GAFFIOT, *s.u.* 2.quod.3f) e, ao mesmo tempo, caracteriza uma forma verbal com valor modal de probabilidade (*debeam*), o que é veiculado, em Português, pela forma condicional *socorreria*.

3.2.2 Construções com valor epistémico sem conjuntivo

Neste âmbito, convém notar que, em Latim, é ao conjuntivo, por excelência, que são atribuídos os valores epistémicos. E as ocorrências em que não se traduz um conjuntivo e que veiculam valores epistémicos de suposição e de possibilidade, têm características específicas: as formas verbais traduzidas exprimem, por si só, valores epistémicos (como sucede com o modal *posse* ou verbos cujo sentido se relaciona com o domínio do saber, como *perspicio*):

25)	E o seu clérigo don Pedro disse então: - Este padre San Beento assi como eu entendo soube as puridades de Deus, ca entendeu que este clérigo seria mal treito pelo enmiigo quando tomasse ordinins santas. (Dial.II.16/71.9-10)	<i>PETRUS: Iste vir Dei diuinitatis, vt video, [vnus ipse cum Deo spiritus,] etiam secreta penetrauit: quia perspexit hunc Clericum idcirco diabolo traditum, ne ad sacrum Ordinem auderet accedere.</i> (Dial II.3)
26)	Queria-te contar, a louvor do nosso remiidor, alguums dos miragres do honrado baron San Beento. Mais porque todo o tempo do dia d’hoje non nos abastaria pera os contar compridamente (Dial. I.47.42-43)	<i>GREGORIUS: Vellem tibi in laudibus redemptoris de viri venerabilis Benedicti miraculis aliqua narrare, sed ad haec explenda hodiernum tempus video non posse sufficere.</i> (Dial. I.12)
27)	E el non querendo fazer o seu rogo deles, disse-lhis que taaes costumes aviam eles que non poderian conviinr con os seus. (Dial. II.3/53.7)	<i>Qui diu negando distulit: suis illorumque Fratrum moribus se convenire non posse praedixit</i> (Dial. II.1)
28)	E pois o cavaleiro novo de Jesu Cristo respondeu atrevudamente que nunca poderia ja leixar a verdadeira fe de Jesu Cristo (Dial. III.150/32.5)	<i>Cumque ille constantissime responderet nunquam se veram fidemposse relinquere</i> (Dial. III.31)

Note-se, de facto, que nas variadas ocorrências apresentadas não ocorre conjuntivo, mas que está presente um valor epistémico que se reflete, na tradução, no Condicional. De facto, o particípio passado *traditum* (25) é traduzido pelo Condicional por influência do valor epistémico de *perspexit*. Nas ocorrências seguintes – 26) a 28) – as formas verbais encontram-se no infinitivo. Este, sendo um antigo nome, em Latim “exprime la notion verbale pure et simple sans autre considération” (ERNOUT; THOMAS, 1951, p. 255), sendo assim uma forma mais “neutra”. Contudo, em todos os casos apresentados há uma ligação clara a *posse* e é precisamente o modal que veicula o valor epistémico que encontramos depois na tradução.

Por fim, para além destas ocorrências, há ainda duas construções verbais, com gerundivo, que veiculam também a ideia de possibilidade e que também são traduzidas pelo Condicional. Neste âmbito, note-se que o adjetivo verbal em *-ndus* possui, em Latim, um valor primordial de virtualidade a que se associam, para além do valor de obrigação, os valores de intenção ou finalidade e também de possibilidade (ERNOUT; THOMAS, 1951, p. 285).

Ora, nos casos apresentados, o texto português estabelece uma possibilidade que é reforçada, em 30), pela presença do adjetivo “certos”– e daí o uso do Condicional, aqui com valor modal, tanto na tradução da perifrástica como do presente do indicativo *pariuntur*.

29)	E o rico que ja era desesperado de sa salvaçon começou de rogar se poderia guanhar salvaçon pera os seus irmãos e disse-lhe (Dial. IV. 212/32.12)	<i>Dives autem jam spem salutis de seipso non habens, ad promerendam suorum salutem convertitur, dicens</i> (Dial. IV.33)
30)	E enton os cidadãos que primeiramente fugiron, pela fame grande que aviam, tornaron-se pois foron certos que poderiam viver en paz na cidade e a aver seus haveres. (Dial. III.115/14.15)	<i>hi qui prius famem fugerant, vivendi licentia accepta reversi sunt.</i> (Dial. III.13)

Conclusão

Neste trabalho, foram estudados diversas ocorrências da tradução dos *Diálogos* de São Gregório onde surge o Condicional. Estas ocorrências foram comparandas com as formas e construções na obra latina que lhes deu origem, de forma a verificar se se encontram, já na época medieval, os valores de posterioridade e modais veiculados pelo Condicional.

Feita esta análise, foi possível confirmar que diversos valores deste paradigma que encontramos hoje em dia, como a expressão da condição, o valor temporal e vários valores modais (possibilidade, dúvida, etc.) se encontram na obra em estudo. De facto, este paradigma, cuja produtividade em estruturas sintáticas que expressam a condição é visível, é usado, na Idade Média, para veicular um valor temporal, na medida em que é perceptível o seu uso com formas e construções relacionadas com a expressão do tempo futuro em Latim: no texto há ocorrências que traduzem o futuro simples latino, infinitivo futuro ou participio futuro com e *semesse*) e ainda advérbios ou sequências verbais que permitem criar um “jogo” passado/presente/futuro.

Para além disto, o Condicional é também utilizado bastas vezes para traduzir o conjuntivo latino com valor modal, nomeadamente epistémico, o que demonstra que o tradutor associa ao paradigma de Condicional valores modais cuja expressão, em Latim, pertence ao domínio do conjuntivo, como a probabilidade, a possibilidade, a dúvida ou a suposição. E, mesmo em casos em que o conjuntivo latino não é usado, é possível encontrar usos de Condicional em ocorrências em que, no texto latino, está presente um valor epistémico, seja porque os verbos utilizados veiculam, por si só, este valor, seja porque se recorre a construções verbais (como o gerundivo) que o implicam.

Assim sendo, consideramos que, no que toca aos valores que o Condicional, paradigma verbal inexistente em Latim, exprime, é possível perceber que, já na Idade Média, ele veicula valores que hoje continuam a ser produtivos em Português Europeu.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Ana Cristina Gonçalves. *O Condicional; Futuro do Pretérito: entre tempo e modalidade*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH NOVA, 2018.

ALKIRE, Ti; ROSEN, Carol. *Romance languages: a historical introduction*. Cambridge, CUP, 2010.

ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1979.

BROCARD, Teresa. O futuro do passado; Condicional: elementos para um estudo diacrónico. In: BARROS, Alvanira L; BROCARD, Teresa (Orgs.), *Estudos sobre o verbo em português*. João Pessoa: Ideia, 2016.

CINTRA, L. F. Lindley; CUNHA, C. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 2013.

COMPANY COMPANY, Concepción. Tiempos de formación romance II. Los futuros y condicionales. In: COMPANY COMPANY, C. (Dir.) *Sintaxis histórica de la lengua española*. México: FCE/UNAM, 2006.

ERNOUT, A; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1951.

FREITAG, Raquel Meister Ko; ARAÚJO, Andréia Silva. Passado condicional no Português: formas e contextos de uso. *Caligrama*, Belo Horizonte, v.16, n.2, p. 199-228, 2011.

HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: FCG, 1933.

KLAUSENBURGER, Jürgen. *Grammaticalization: studies in latin and romance morphosyntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

MARQUES, Rui. Modo. In: RAPOSO, Eduardo P. *et alii. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I, p. 673-693, 2013.

NEVES, M. H. M. As construções condicionais. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 497-544, 1999.

OLIVEIRA, F; DUARTE, I. Le conditionnel et l'imparfait en portugais européen. *Faits de langues: revue de linguistique*, 40, p. 53-60, 2012.

OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. In: MATEUS, M. H. M. *et alii. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 127-172, 2003a.

OLIVEIRA, F. Modalidade e modo. In: MATEUS, M. H. M. *et alii. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 243-272, 2003b.

OLIVEIRA, F. Tempo verbal. In: RAPOSO, Eduardo P. *Et alii. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, v. I, 509-553, 2013.

OLIVEIRA, Marilza. Amare aveva or amare iva? A new look at the grammaticalization of Portuguese Conditional. *Revista Lingüística* 15; 16. Disponível em: http://mundoalfal.org/sites/default/files/revista/15_16_Linguistica_001-306.pdf, p. 175-184, 2003-2004.

PINKSTER, Harm. *Sintaxis y semántica del Latín*. Madrid: Ediciones Clásicas, 1995.

Enviado em: 01 de março de 2020.

Aceito em: 28 de maio de 2020.